



casadesarmento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmento@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

AS DOENÇAS E A MORTE DE HERCULANO ⁽¹⁾

O mais illustre dos médicos de Herculano foi José Eduardo de Magalhães Coutinho. Este illustre professor nasceu em Évora a 24 de Outubro de 1815 e faleceu em Lisboa a 13 de Janeiro de 1895, sendo filho de um official do exército, José Bernardo de Magalhães Coutinho. Começou a estudar as primeiras letras em Évora, e prosseguiu os estudos em Tórres Novas, para onde o pai fôra transferido. Por ocasião dos acontecimentos políticos de 1828 para 1829, Magalhães Coutinho veio com o pai para Lisboa; mas êste dentro em pouco foi prêso, à ordem do Intendente da Polícia, e o filho ficou abandonado, não pensando em aulas, mas não descurando os livros, porque lia e relia os dois ou três que possuía. António Maria do Couto, professor régio de grego, recebeu-o em sua casa, e com êste aprendeu o moço estudante o latim, o francês, o grego, a lógica e a retórica. Chegou o ano de 1831 em que as perseguições políticas se exaltaram e em que o Govêrno procedeu a um recrutamento rigoroso. Magalhães Coutinho não se sentia com vocação para as armas e não queria contrariar as ideas liberaes do pai que também eram as dêle. Aconselhou-o António Maria do Couto a que se matriculasse na Escola Régia de Cirurgia, que tinha sido criada em 1825, e êle assim o fêz, menos por inclinação que sentisse para a medicina do que por se tirar de uma situação difficil. Em 1831 começou os seus estudos de anatomia e em 1832 frequentou matéria médica. Ninguém podia prever o destino

(1) Conclusão de pág. 216.

brilhante que lhe estava destinado, visto que elle, sobressaltado com as desgraças da sua familia e carecido de meios, era pouco applicado e chegou a adquirir entre os condiscipulos o conceito de mau estudante. E' curioso o motivo da sua metamorfose; narra-o o prof. Eduardo Mota pela maneira seguinte: «Havia no curso de clinica cirurgica um alumno sem talento; ancho, porém, de aliás duvidosa sciencia e impando de filauçia, exercia sobre os seus condiscipulos um certo despotismo, julgando todos inferiores a si e tratando-os com uma ironia revoltante. Magalhães Coutinho, altamente indignado, resolveu desaffrontar o curso e dar lição condigna ao enfatuado condiscipulo que tão orgulhoso se pavoneava. Começou portanto a estudar, mais por causa d'elle do que por causa dos mestres ou do seu futuro. Encontrou n'esse trabalho a compensação, porquanto em pouco o temeroso Golias ficou reduzido ás suas justas proporções, e bem castigada a sua audaciosa petulancia. Eis como um acontecimento meramente casual, e á primeira vista insignificante, preparou a Magalhães Coutinho a brilhante carreira, que lhe sagrou a immortalidade. Elle mesmo dizia ter sentido a influencia, que tal acontecimento exercera na direcção que dera aos seus ultteriores estudos» (1).

Havia pouco tempo que se tinha matriculado no terceiro ano da Escola, quando se proclamou em Lisboa a carta constitucional e a legitimidade de D. Maria segunda, o que lhe interrompeu por algum tempo os estudos, porque a mocidade de Lisboa correu a alistar-se nos batalhões que então se organizaram, mas pouco tempo serviu na vida militar, porque logo depois da acção de 5 de Setembro foi requisitado pelo director do Hospital Militar da Estrêla, Lourenço Félix Sardinha, para o auxiliar no tratamento dos feridos. Em 1836 concluiu o curso e tirou a respectiva carta. No conflito de 28 de Agosto de 1837, accompa-

(1) Eduardo Motta — *Discurso pronunciado na Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa em 25 de junho de 1898 na sessão consagrada á memoria de José Eduardo Magalhães Coutinho* — no *Jornal da sociedade das sciencias medicas de Lisboa*, de Junho e Julho de 1893.

nhando o marechal Saldanha, cujas opiniões políticas aliás não seguia, teve ensejo de praticar as suas primeiras operações cirúrgicas. O primeiro ferido que operou foi o Conde de Vila Real, amputando-lhe o membro inferior direito a pouca distancia da virilha. A operação realizou-se sem pessoal habilitado, com maus instrumentos e até privado de alguns reputados indispensáveis.

O caso é narrado por Bulhão Pato pela seguinte forma:

«José Eduardo de Magalhães Coutinho completara o seu curso no Hospital de S. José e acompanhava o pae, official de cavallaria, não sei se do lado dos cartistas se dos setembristas, como cirurgião militar.

«Terminado o combate do *Chão da Feira*, Magalhães Coutinho percorria o campo quando se lhe depa-rou um rapaz, uma creança quasi, horivelmente mutilado. Julgou que fosse francez ou belga, por uma exclamação sumida que soltou em francez. Uma bala de canhão tinha-lhe despedaçado uma perna.

«Transportado, como Fernando Mousinho e outros feridos, para um logarejo, Magalhães Coutinho tratou de proceder á amputação. Faltavam-lhe instrumentos; os poucos que possuia haviam-se desencaminhado.

«Acudiu ás navalhas de um barbeiro e ao serrote de um marceneiro.

«Durante a operação, o paciente só exclamou:

« — *Mon Dieu! Mon Dieu!*

«As suas mãos crispadas deixaram, porém, os dedos assignalados nos que o seguravam.

«A boa organização e a mocidade triumpharam. Em poucos dias estava em plena convalescença.

«Magalhães Coutinho viu logo que o seu operado era moço intelligente e de fina educação. Falava portuguez, mas fora educado em França. Disse-lhe que pertencia a familia portugueza e se chamava Fernando de Souza.

«Medico e enfermo eram já amigos de alma. Uma mulher solicita não seria mais carinhosa do que Magalhães Coutinho foi com o pobre amputado.

«Um dia, duas senhoras apearam-se de uma liteira e entraram a porta da casa.

«A distancia sentia-se, n'aquellas duas senhoras, a

distincção da fidalguia portugueza, rarissima no ambiente ranço em que respiramos agora.

«Eram a Condessa de Villa Real e sua filha segunda, D. Maria Theresa de Souza, depois Condessa da Ponte.

«Falleceu ha poucos mezes a finissima senhora, exemplo de virtude durante uma longa vida.

«Quando D. Fernando de Souza, — conde de Villa Real, — partiu para Lisboa, a irmã tirou do seio uma bolsa de setim roxo e offereceu-a ao medico que lhe salvara o irmão. Eram cem libras esterlinas.

«Cem libras naquelle tempo!

«A ultima vez que Magalhães Coutinho me contou este episodio da sua mocidade foi em Valle de Lobos, ante-vespera de Alexandre Herculano expirar, e disse-me, como dizia sempre que narrava o facto:

«— Julguei-me um rei!» (1).

Em fins de 1837 regressou Magalhães Coutinho a Lisboa e pensou em ir estabelecer residência fora da capital, mas sentindo em si a força de lutar com as dificuldades que se lhe antolhassem na vida clinica resolveu habilitar-se no primeiro concurso que se lhe offerecesse no estabelecimento em que se havia formado.

Bulhão Pato refere-se também a esta época da vida de Magalhães Coutinho: «Magalhães, tão estimado em casa do Conde de Villa Real pela gratidão que lhe tributavam, era querido e admirado tambem pela vivacidade do seu espirito.

«O medico entrava, pois, na flor da grande roda portugueza e da grande clinica.

«Era alto e moreno; feio; olhos pretos retintos, ardentes como duas brazas; bocca rasgada, de beiços grossos, mas expressivos.

«Vida petulante a saltar-lhe da musculatura, da arca do peito, do gesto, dos movimentos, da palavra, sempre colorida e fecunda.

«Homem extraordinario.

«Alexandre Herculano disse-me muitas vezes que era a mais vasta intelligencia que tinha conhecido. Possuia todas as condições dos cerebros excepcionaes;

via as coisas em largas syntheses, sendo ao mesmo tempo analytico e penetrante observador» (1).

O prof. Eduardo Mota é mais preciso:

«Deliberou, pois, ficar em Lisboa e habilitar-se para concorrer ao magisterio; fez-se então explicador de anatomia, e frequentou os cursos de physica, chimica, botanica e zoologia, a fim de collocar-se ao nivel dos cirurgiões formados depois de 1836.

«Bem sabia elle, na penetrante agudeza do seu espirito, que a medicina, para estar á altura da sua missão, precisa familiarizar-se com a linguagem de quasi todas, senão todas, as sciencias.

«Como explicador de anatomia, d'essa sciencia que, no dizer do mais assombroso genio da nossa litteratura contemporanea (Latino Coelho) é para as sciencias do organismo o que a geometria é para as sciencias cosmologicas, foi Magalhães Coutinho digno continuador dos nomes, que tanto honraram como anatomicos a escola de Lisboa, e que a ella deixaram o seu nome perpetuamente ligado. Ninguém mais brilhantemente empunhou o escalpelo, ninguém disseceu com mais habilidade, e ninguém melhor do que elle comprehendeu o quanto o cadaver opportunamente interrogado pode concorrer para a solução de muitos problemas medicos.

«Quem sabe anatomia, dizia elle, sabe por força toda a cirurgia; aquelle, para quem é familiar o exercicio da dissecação, não encontrará grandes difficuldades na pratica das operações chirurgicas.

«A fama dos seus cursos transpoz o modesto limiar do amphitheatro anatomico, e, chegando até á Escola de Bellas Artes, por tal forma impressionou os respectivos alumnos, que estes lhe fizeram o pedido de um curso de *Anatomia artistica* que realisou com a proficiencia e elevação que presidiam a todos os seus cometimentos, e que, segundo o testemunho de contemporaneos, foi uma das mais esplendidas exhibições do seu excepcional talento.»

Em 1842 fez algumas conferencias sobre frenologia, que estão publicadas.

(1) Bulhão Pato, op. cit.

(1) Bulhão Pato, *Memorias*, III, pág. 26-28.

Em 14 de Janeiro de 1845 entrou no professorado médico, sendo esta a data do seu despacho como demonstrador de cirurgia. A sua iniciação no professorado médico fez-se com um memorável curso de operações no ano lectivo de 1847-1848 quando ainda era substituto. Algumas destas lições apareceram no periódico *Zacuto Lusitano* que fundara com o Dr. Tomás de Carvalho.

Por decreto de 6 de Agôsto de 1850 era provido na cadeira de partos e diz o Dr. Eduardo Mota que «professor algum conquistou do alto da cathedra maior sympathia e auctoridade sobre os seus discipulos, e são ainda bastantes os que me ouvem, o que provinha do seu muito saber acompanhado de uma dicção facil, corrente e elegante sem arrebiques. Ao mesmo tempo, a par com a sua insinuante apresentação, possuia, como a poucos é dado possuir, uma tal vivacidade de gesto, um olhar tão faiscante e uma tal animação de physiognomia, que tudo isto dava ás suas convicções de sabio e cirurgião um enthusiasmo capaz de seduzir e despertar os espiritos mais frios e insensíveis. Reunia ao talento a expressão esthetica, sendo a um tempo orador e artista» (1).

Se as palavras do illustre professor apenas traduzem justiça extreme, outro professor bem mais illustre o tinha aquilatado por forma que igualmente merece registo. E' de Manuel Bento de Sousa, na memorável oração que pronunciou por ocasião do falecimento de António Maria Barbosa, o seguinte retrato:

«Magalhães Coutinho, esse foi a concentração mais feliz de tudo o que seja elevação num homem de sciencia; e para complemento dessa felicidade tem até a de ser ainda vivo e não ser alvo do odio, que a sua classe lhe devia votar pela lesão enorme que lhe causou com o retirar-se do seu convívio.

«Emquanto se deixou ver, foi esse homem o nosso encanto. Era humanista profundo, conhecia nas linguas mortas as litteraturas antigas, conhecia igualmente a sua contemporanea, sabia toda a historia da medicina, estava senhor de todos os segredos da sua

profissão, expunha por uma forma seductora, e era em cirurgia o que se designa, porque de outro modo não ha, pela expressão franceza de cirurgião *savant*.

«Mas sendo um facto, que nem pretendo explicar, o não se mostrarem os cirurgiões *savants* igualmente elevados na pratica, pelos predicados excepçionaes da sua organização era Magalhães Coutinho o que em toda a parte se chama um operador exímio, tendo atingido a perfeita execução da sua arte. Operando, não se curvava e dir-se-ia que previamente traçava diante de si uma circumferencia imaginaria, que limitasse o plano estritamente necessario, dentro do qual devia mover as mãos. Quando operava, parecia não ser elle que levava o ferro aos differentes districtos da região anatomica, mas serem os órgãos, que vinham elles mesmos, conscientes do que lhes convinha, applicar-se e dividir-se sobre os instrumentos, voltando depois ás suas necessarias relações.

«A operação feita por elle era graciosa, e a sua conclusão, reunidas as partes e feitas as costuras, era uma pintura. A *maneira* deste homem talentoso, sabio e artista, era a *finura*.»

Adiante, o grande médico e grande escritor compara alguns dos cirurgiões do seu tempo com homens illustres nas letras. Depois de ter comparado José Lourenço da Luz com Herculano, prossegue:

«Lemos depois Garrett. Na obra d'este primoroso escriptor as paixões são mais ternas, os homens teem mais coração, as heroínas são mais mulheres, e o leitor tomaria toda aquella vida imaginaria por uma existencia, a que realmente assistisse, se em todas as paginas não tivesse Garrett derramado profusamente a encantadora finura de um genio espirituoso, que era só d'elle. E porque esse espirito sempre mimoso não pode ser o das personagens, que allí se nos mostram, ao lermos Garrett acontece-nos como ao lermos Herculano, e termos constantemente ao nosso lado e por companheiro inseparavel o divino artista, que produziu uma obra tão sua, que ainda até hoje não appareceu outra que possa com ella soffrer comparação.

«Guardadas ainda as differenças dos dois generos, a obra litteraria de Garrett é comparavel á cirurgia de Magalhães Coutinho.»

(1) Eduardo Mota, op. cit., pág. 182.

Magalhães Coutinho também pertenceu ao corpo médico do Hospital de S. José. Nomeado em 2 de Junho de 1856 cirurgião extraordinário, foi no ano seguinte ajudante de cirurgião do Banco. Serviu nos hospitais da cólera-morbus e da febre amarela em 1856 e 1857 e exerceu clínica no Hospital do Destêrro, pedindo a sua exoneração em 1 de Março de 1862. Foi director da Escola Médica de Lisboa, cargo para que foi nomeado em 25 de Janeiro de 1871, mas pediu a sua exoneração em 28 de Novembro de 1873 para não sancionar o que reputava uma ilegalidade dos poderes superiores.

Eleito deputado em 1853, entrou nas seguintes legislaturas. Na primeira, em sessão de 15 de Março, defendeu vigorosamente um projecto em que eram elevadas à categoria de Faculdades de Cirurgia as Escolas de Lisboa e Pôrto, e os seus alunos, depois de aprovados na tese inaugural ficavam sendo bacharéis em Cirurgia, sem restrição no exercício clínico, podendo o bacharel em medicina pela faculdade de Coimbra curar de cirurgia e vice-versa. O projecto não foi aprovado; mas quanto era justa a reforma, demonstrou-o mais tarde a carta de lei de 24 de Abril de 1861, em que estão codificadas algumas das disposições daquele projecto. Concorreu muito para que fôsse aprovada a criação, nas Escolas, da cadeira de anatomia patológica e a de medicina legal e hygiene, e a organização dos serviços de saúde de 1854.

Demonstrada a sua competência nas questões de ensino e de hygiene pública, a ela deveu as nomeações de vogal extraordinário do conselho de instrução pública, e de vogal efectivo do mesmo conselho; director geral da instrução pública; delegado da conferência escolar; vogal da junta consultiva de instrução pública; vogal do conselho superior de instrução pública; vogal da junta consultiva de saúde, de que occupou muitas vezes a vice-presidência.

Sobre Magalhães Coutinho, caíram tôdas as distinções a que lhe dava direito o seu mérito e adornavam-lhe o peito numerosas condecorações nacionais e estrangeiras. Tinha as gran-cruzes de Cristo e de Santiago, as comendas da Legião de Honra de França, de

S. Lourenço e S. Marcos da Itália, de Leopoldo da Bélgica e do Leão Neerlandês.

Muito estimado do rei D. Luís, que o nomeou seu secretário particular e o consultava nas dificuldades políticas, foi primeiro médico da real câmara e bibliotecário da Ajuda, sucedendo a Alexandre Herculano.

De tam trabalhosa e longa carreira, poucos vestígios ficaram. A acreditar-se no que disseram os que com elle privaram, Magalhães Coutinho não era só quando operava que fazia lembrar Garrett, como escreveu Manuel Bento de Sousa. «Porque não deixou na sciencia um grande nome? escreveu Bulhão Pato. Pela paixão absoluta, pela paixão cega que o dominava: as mulheres! Rompia por tudo, esquecia tudo, familia, sciencia, amigos, e lá ia na piugada de uma saia, de cabeça alevantada, a *ventos*, como perdigueiro de finissima raça, e *parava e entrava*, sem que o *mandassem*, no portal de escudos timbrados e na cabana do pescador.

«Isto de *cabana de pescador* não é rhetorica.

«De uma vez desapareceu de casa, abandonando doentes e discipulos, e andou perdido por essas praias do norte com uma ondina de tamanquinhas, brunida dos salgadios do mar, risinho de perolas, covitas nas faces, ancas roliças, sacudindo a saia curta, cinta quebrada, chapelito braguez firmando-lhe na cabeça o lenço fluctuante de cores lubricas, arrecadas e coração de filigrana, mais apetitosa e picante do que a *viva da costa*!

«Já com os setenta puxados adoeceu em certo aposento. De improviso apparece um eminente personagem e encontra-lhe á cabeceira, não uma dama do Paço, mas, posto que já no declinar do sol, uma rainha da beleza!» (1)

Este último traço biográfico merecia fixar-se.

MAXIMIANO LEMOS.

(1) Bulhão Pato, *Memorias*, III, pág. 30 e 31.